

# Sensação negativa da vida

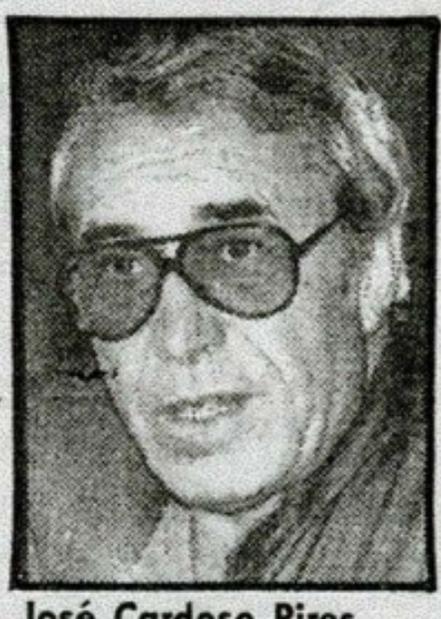
BELLA JOZEF

José Cardoso Pires, ALEXANDRA ALPHA. Romance. Ed. Companhia das Letras, 378 pgs. Ainda sem preço.

Junte-se a destruição de conceitos estabelecidos numa linguagem densamente trabalhada, que nos propõe a representação de uma experiência social portuguesa contemporânea, com um pessimismo que se deseja construtivo, e se terá o ponto de partida de "Alexandra Alpha", o último romance do escritor português José Cardoso Pires (1925), Prêmio Camilo Castelo Branco e Grande Prêmio do Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores. De estrutura formal cinematográfica, trata do itinerário de uma mulher, Alexandra, antes e depois do 25 de abril de 1974 (a "Revolução dos Cravos", que derrubou o regime salazarista).

A narrativa transcorre entre a queda de um anjo numa praia e a decolagem de um pequeno avião transportando, para a morte, duas amigas de mãos dadas. O cinema está presente nas citações de Buñuel, Godard, Fritz Lang, nas alusões e no roteiro que o personagem Désanti, um francês, escreve.

O desencanto e a frustração manifestados em "O anjo ancorado", do mesmo autor, repete-se em "Alexandra Alpha". O complexo de culpa, sentido em relação ao passado, aproxima-o da literatura alemã contemporânea, (especialmente de Botho Strauss, que cita), e faz com que realize uma reflexão sobre as mitologias de Portugal, um país mitificado e que não consegue ver sua própria realidade. Assim, o tempo aparece irreversivelmente nas mudanças do tecido social. A memória age



José Cardoso Pires

como moeda de liberdade e passe para o futuro, pois os povos sem história não têm presente. O País, uma imagem do País que inventamos, o País perdido e reencontrado, inventado para inventar-se, inventado para que se possa caber nele, "patriotas provisórios de uma pátria incerta" (Pessoa), os deserdados de Camões. Cardoso Pires quer dar-lhes um rosto, alimentado por um imaginário coletivo. No desespero de um tempo insuportável, um sonho não sonhado vem à tona. Como no sonho real, aqui ele também significa outra coisa. A realidade é reflexo ilusório: apesar da nota inicial, Alexandra apenas existe na ficção criada pelo narrador. Como os demais personagens femininos — Maria, Sophia Beatriz (ou Bonifrates) — Alexandra tem voz individualizada e insubmissa, é o Aleph, reflexo microcósmico de uma ordem superior. O grupo interroga-se através dela. As citações de leituras estão presentes e Ruy Belo tem o discurso mais verdadeiro do romance: "O meu país é aquilo que o mar não quer". O dom de evocar espaços de dimensões limitadas, mas que são inesgotáveis, faz Cardoso Pires realizar uma homenagem a Lisboa, a cidade odiada e amada, a cidade-pérola, redescoberta com sua noite, o cais, o mercado, a taverna, as discussões intermináveis no Bar Crocodilo, onde se contempla, na bruma dos cigarros, a pátria de longe, numa "impotência coletiva".

Aqui está a busca da identidade, sons e palavras, as imagens que os outros criam de nós, as imagens que cada um cria de si.